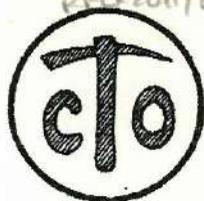


Nº2 AGOSTO-73



CADERNOS

TEATRO OPERÁRIO



Sumário:

- Plano de trabalho e texto integral de "O SOLDADO";
- Reportagem de um espectáculo;
- O "T.O." e os chamados "Jogos Florais";
- Correio do leitor.



C.H.

CD25A

OS ACTORES

PROLETÁRIOS

" Os pequenos teatros dos operários são sempre muito pobres. Não podem pagar grandes equipamentos. Os seus actores exercem um officio durante o dia. Os que não têm trabalho não são menos activos que os outros durante o dia, pois procuram emprego e também um trabalho.

" Os pequenos teatros dos operários põem admiravelmente as claras as grandes verdades simples sobre as relações complexas e de difícil compreensão que existem entre os homens da nossa época. De onde vêm as guerras, quem vai ganhá-las e quem sofre com elas, quais são as destruições que são causadas pela opressão que o homem exerce sobre o outro homem, a que se deve a miséria da grande maioria, de onde vem a vida fácil de alguns, a quem serve um determinado tipo de acção, a quem prejudicam certos actos, eis o que mostram os pequenos e pobres teatros dos operários. Não falo so das peças, falo também dos que as representam o melhor possível e com o maior empenho e interesse". Mais um pouco de dinheiro e o quarto que aparece no palco seria um verdadeiro quarto: algumas aulas de dicção e a linguagem desses actores seria idêntica a das "pessoas cultas"; mais um pouco de dinheiro para se alimentarem e repousarem e os actores deixariam de estar cansados".

BERTOLT BRECHT

Dramaturgo, encenador e poeta alemão
falecido nos anos 50.

"Ecrits sur le theatre", Ed. L' ARCHE,
pg. 417.

" Um trabalhador revolucionário da cultura que não esteja ligado às massas populares é um "comandante sem exército", o seu poder de fogo não pode abater o inimigo. Para atingir tal objectivo, a língua escrita deve ser reformada dentro de determinadas condições e a língua falada deve aproximar-se das massas populares. É necessário compreender que as massas constituem a fonte rica e inesgotável da cultura revolucionária".

MAO TSÉ-TOUNG--Presidente do Partido Comunista Chinês.

"Sobre a Democracia Nova"

(Janeiro de 1940)

Notas de introdução

No essencial, seguiu-se o método de trabalho anteriormente seguido para o "18 de Janeiro", su-
mariamente explicado no nº1 dos "Cadernos do T. O.". Mas esta peça trouxe alguns problemas novos, dado que era mais complexa do ponto de vista do conteúdo e menos acessível quanto à forma.

Quanto ao conteúdo nós queríamos mostrar a realidade que o fascismo oculta constantemente as massas: O Exército não é constituído por milhares de bravos e corajosos soldados, mas sim por jovens metidos à força na tropa e enganados desde que nascem pela propaganda colonialista: Os oficiais são indivíduos corrompidos e covardes que organizam massacres das populações Africanas e que mandam para a frente das balas os filhos do povo, enquanto se embebedam e andam no deboche com prostitutas e as senhoras da alta que trabalham no Movimento Nacional Feminino; a Igreja está organizada para adormecer e auxiliar o Governo a controlar a população; os Guerrilheiros não são selvagens que torturam e matam os soldados e as populações, mas sim homens e mulheres que se querem libertar da exploração e da miséria; os soldados hoje lutam dentro do quartel, desertam com armas e deixam de ser os homens cheios de medo, verdadeiras marionettes que o fascismo usava a seu belo prazer; o desertor é hoje apoiado e protegido por Comitês de Desertores em França e noutros Países e continua a ser um combatente contra o regime que o obrigou a deixar a sua terra.

Tudo questões que não são ainda completamente compreendidas pelas largas massas diante de quem representamos a peça. Tudo verdades em que muita gente não acredita porque são massacrados diariamente pela propaganda do Governo nos jornais, na rádio e na televisão.

Para convencer as pessoas, não basta dizer o contrário do que os outros dizem, não basta dizer que o Exército é um bando de assassinos e que os negros é que têm razão. É preciso mostrar situações, contar factos verídicos que começam a fazer aparecer a verdade e a desmascarar o que são e o que representam aqueles que hoje mandam em Portugal e nas Colónias.

Isto exige um trabalho de texto muito mais difícil. O que se representa deixa de ser um mero planfeto para passar a ser uma peça de teatro com posta por situações contraditórias, de onde o público deve tirar conclusões (neste caso, as conclusões que nós queremos que ele tire, isto é, o caracter criminoso e contrário aos interesses do nosso povo, da Guerra Colonial).

Esse aperfeiçoamento de texto trouxe situações de encenação mais difícil e em relação às quais seria fácil cair em tentativas de solução estética e técnica burguesas. Isso foi evitado e fêz avançar o grupo na procura de uma forma teatral proletária, nova, anti-burguesa. A recusa dos cenários, dos artifícios naturalistas, exige muito mais trabalho de actor e uma maior unidade na representação; nem sempre isso é fácil para um grupo de amadores completamente inexperientes. Mas a prática diz-nos que isso se consegue e nessa altura, o trabalho em teatro transforma-se numa verdadeira escola de formação e de preparação do novo mundo e da cultura que será criada a partir do esforço e da imaginação das massas, tanto do ponto de vista das ideias, como do ponto de vista de apresentação dessas ideias.

Falemos ainda, para não esquecer a linha fundamental da encenação, do papel essencial e dirigente que teve o humor, o cómico, em todo este trabalho. Desde a elaboração do texto até ao último detalhe da imagem, o cómico foi a arma principal para evitar que caíssemos no miserabilismo ou no derrotismo pequeno-burgueses. Este era o sentido determinante de Brecht quando falava do teatro como um espectáculo de divertimento; quer dizer que as pessoas não vão a um espectáculo para chorar e sofrer, vão para se divertir.

A nossa responsabilidade é fazer com que elas riam dos burgueses e não dos trabalhadores. Por isso Marx dizia também que o cómico era sempre tendencialmente subversivo. Concluindo, quais são as lições principais a tirar do nosso trabalho?

1º O texto é elaborado a partir da verdade, de preferência a partir de documentos. O quadro da aldeia libertada é uma teatralização da "Mensagem da Fretilimo aos Soldados Portugueses", o discurso do Governador em Luanda é a cópia fiel de discursos desse funcionario, a luta no Exército e os massacres são tirados de relatos publicados em jornais revolucionários portugueses.

2º Para que um texto tenha mais força é fundamental tirar-lhe o carácter puramente propagandístico. Isto quer dizer que é preciso defender a nossa ideologia com uma montagem de cenas contraditórias, desmistificadoras da realidade burguesa e explicativas do que se passa com o povo e o que este pensa e quer.

3º A forma do espectáculo tem de ser orientada no sentido de repúdio da forma tradicional burguesa. As dificuldades que se sentem inicialmente com o afastamento do naturalismo são compensadas com o avanço de imaginação, sensibilidade e inteligência formal que aparecerão dentro do grupo que faz a peça e dentro do público que a ela assiste.

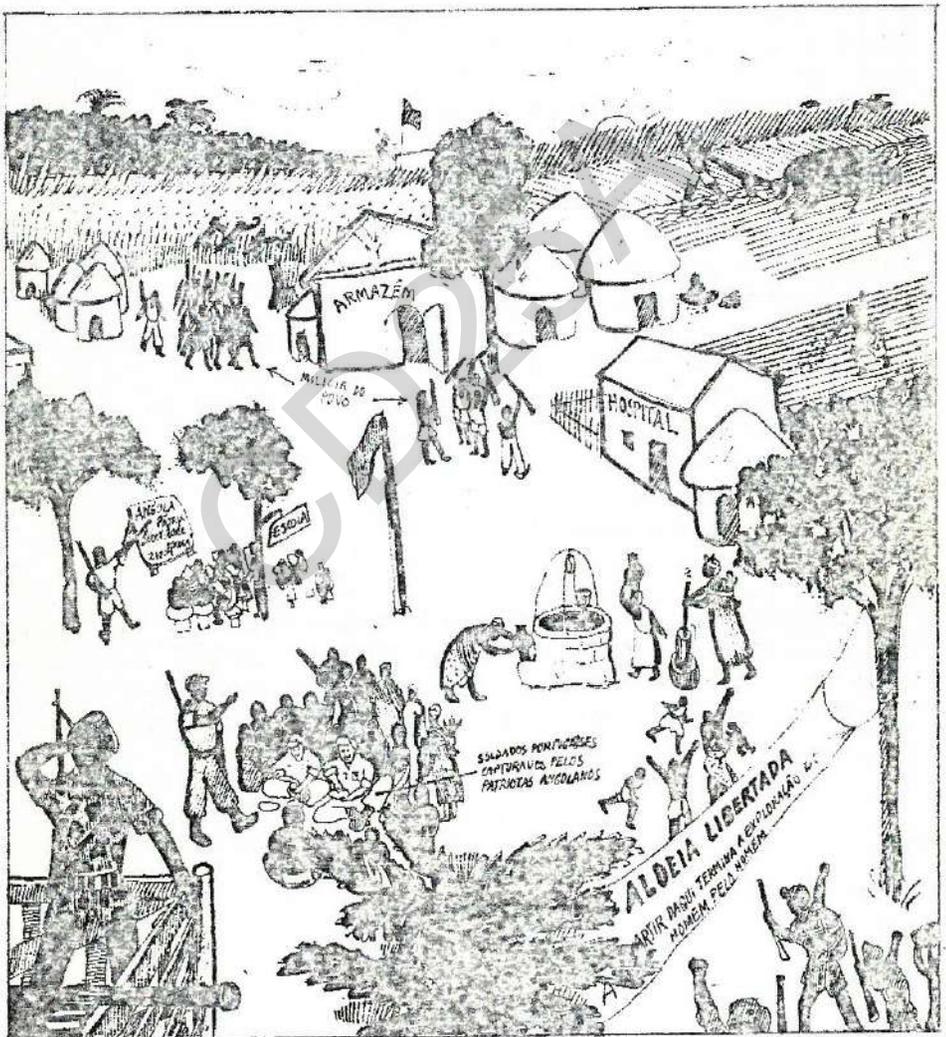
4º O humor constitui a chave de trabalho para a explicação das situações teatrais mais complexas, seja na sua aplicação caricatural a burguesia, seja no seu contributo emotivo à vida do povo e ao seu combate revolucionário contra o capitalismo.

Peça em 3 Partes — ANGOLA; PORTUGAL; FRANÇA
e 17 quadros

- 1º Desfile em Luanda
- 2º Cabaret
- 3º Missa
- 4º Aldeia Angolana
- 5º Massacre
- 6º Guerrilheiros
- 7º Aldeia Libertada
- 8º Tasca em Portugal
- 9º Recruta
- 10º Ataque ao Bufo
- 11º Agitação Nocturna no Quartel
- 12º Aula Política Militar
- 13º Levantamento de Rancho
- 14º Juramento de Bandeira
- 15º Deserção com Armas
- 16º Interrogatório dos Soldados
- 17º França

Parte I

ANGOLA



Desfile em Luanda

Música africana que vai sendo abafada por marcha militar.

Do fundo, surgem duas colunas de soldados.

Flores atiradas por senhoras da burguesia.

Os soldados param diante da tribuna do Governador.

GOVERNADOR — Bravos Soldados Portugueses. É com emoção que vos acolho para o cumprimento de mais uma missão de soberania. A guerra é dura, mas ao mesmo tempo, terão a suprema felicidade de criar verdadeiros e sólidos laços de camaradagem uns com os outros. A verdadeira amizade é a que se faz na luta, (elevando a voz).

Em defesa dos nobres ideais da nossa Pátria, em defesa da nossa civilização que se quer (gritando e gesticulando) livre e contra a opressão e o terror do comunismo.

A recepção espontânea a que vocês estão a assistir por parte da população (aponta os "manifestantes") é a melhor prova do profundo amor que o povo de Luanda vos dedica.

Dirigam-se ao quartel onde ficarão à espera de ordens. Coragem e dignidade! (faz a saudação nazi). Viva Portugal!

NARRADOR — Começou a vida do soldado em Luanda. Dentro de dias partirá para o mato. Mas Luanda tem outros aspectos menos conhecidos e mais interessantes, que vamos passar a mostrar-vos.

Quadro II No Cabaret

Boîte em Luanda. Música de trompette. (Armstrong). Os actores dançam freneticamente.

Avança para o publico o apresentador da "boîte", c/oculos espelhados e um laço às pintinhas:

LEITOR- Muito boas noites, senhoras e senhores, apresento-vos mais uma reportagem directa da mais bela noite de Luanda...Luanda, das quentes e areias serenas...aqui no Caco, o mais interessante cabaret da nossa baía, sempre com música moderna, jovem e sempre na vanguarda dos sucessos mundiais de musica pop.

Mas esta soire dançante tem algo de extraordinario, algo de interessante. Tem como convidado de honra Mister John Smith o rei do petroleo de Cabinda e ainda sua Excelência o Governador Militar de Angola, dois garbosos oficiais das forças armadas, e outras individualidades da provincia.

Mas esta, noite como surpresa especial, como bomba atômica da noite, apresento, Dona Ana Maria Lucas, representante do Movimento Nacional Feminino.

Boa noite, chérie... Como se sente aqui?

M.N.F. Muito bem. Eu e as minhas raparigas tentamos dar o máximo do nosso calor e afeição aos bravos soldados que aqui se encontram. Precisavamos era de mais gente, pois eles são muitos. É pena que as raparigas de hoje preferam o Cais do Sodré e Lisboa à noite...

A partir deste momento, o locutor fala ainda com um jovem oficial condecorado e com o Mister John Smith que canta um fado de Lisboa.

Toda a conversa é orientada no sentido de de mostrar a corrupção das meninas do M. N. F. da Cruz Vermelha e do exercito, as suas "gloriosas" façanhas e os objectivos imperealistas do Americano. O texto pode ser inventado e modificado constantemente.

Enquanto dura esta discussão, todos os outros actores dançam abraçados música lenta brasileira. O texto é interrompido por um arrôto que vem do fundo da cena.

Todos se viram e dizem:

-Ah. É o nosso comandante!

Duas mulheres vão buscá-lo e trazem-no completamente bêbado para a frente da cena.

O LOCUTOR — Um^as palavrinhas, sr. Comandante para os nossos estimados ouvintes.

O COMANDANTE (depois de arrotar) — Ora bem. A guerra é uma arte e eu nisso sou um artista. Só quero dizer que a nossa táctica é simples; se o inimigo avança nós recuamos, se o inimigo recua nós avançamos. Seja como for tenho a dizer que se o inimigo se render a vitória será certa!

Todos os actores começam aos saltos, gritando "Vamos Ganhar!", "Angola é nossa".

Passada a euforia, voltam a dançar, trocando de mulher, exemplificando o deboche do fim da noite da alta burguesia. Formam-se dois ou três grupos que caem enrolados à volta de uma mulher. A música para.

Um dos actores já se tinha vestido de sacristão, trás uma toalha branca que põe em cima da mesa, uma garrafa e uma vela e faz o altar. Com uma sineta começa a acordar os "fiéis" e a chamá-los para a missa. Os actores acordam estremunhados põem boinas e agarram em espingardas, precipitam-se e ajoelham-se em duas aulas frente a frente. Aparece o capelão.

Quadro III Missa Campal

CAPELÃO: Dominus vobiscum...

ASSEMBLEIA (composta por oficiais, governador, senhora do M.N.F., Cruz Vermelha e soldados): Et cum spirite tuo!

CAPELÃO (ajoelha, dá um sonoro beijo sobre o altar levanta-se, coloca-se do lado esquerdo e inicia o balbuciar de frases a um ritmo religioso, levantando os braços no final de cada uma e sendo seguido pela assistência.

CAPELÃO: Nhv... Nha... Nha.....

ASSEMBLEIA: Amem!

CAPELÃO: Nha... Nha;;; Nhv.....

ASSEMBLEIA: Amem!

CAPELÃO: Nha... Nhv... Nha.....

ASSEMBLEIA: Amem!

(O padre volta e ajoelha no centro do altar. Dá outro sonoro beijo, eleva mais uma vez os braços e diz).

CAPELÃO: Sentai-vos meus irmãos!

(A assembleia que está de joelhos, senta-se sobre os calcanhares. O sacristão apronta-se a colocar uma cadeira para lhe possibilitar a subida para cima da mesa.)

CAPELÃO: (voz esganiçada elevando os braços para o céu e gritando no final de cada frase.) Que o senhor nos proteja neste sagrado dever de matar os terroristas...

ASSEMBLEIA: Amem! (Ouve-se a sineta do sacristão)

CAPELÃO: Pedimos a vós, senhor, a vossa divina protecção para que nos salvemos das balas dos Afri

canos ingratos à civilização portuguesa!

ASSEMBLEIA: Amem!

CAPELÃO: Pedimos também senhor que abenções os corajosos soldados que estão prestes a partir para o mato...

ASSEMBLEIA: Amem!

CAPELÃO: Pedimos também senhor, cheio de graça que proteja as nossas mulheres que estão em Portugal e as livres das tentações da carne e do mau olhado do diabo!

ASSEMBLEIA: Amem!

CAPELÃO (chorando num transe insopurtável); Que o senhor nos dê sorte e saúde e nos permita que matemos muitos! (tremendo e gritando) muitos! muitos! muitos! terroristas.....

ASSEMBLEIA: Amem!

(Desce "estafado" do altar, o sacristão ajuda-o uma vez mais, eleva os braços e olha o céu. Entretanto o sacristão apressa-se e coloca as hostias, que são um pacote de batatas fritas, sobre a bandeja.

Abre o pacote com os dentes e dá-lhe uma batata. O padre pega nela, abençoa o público e parta-a em pedaços que vai pondo na boca e engolindo, com dificuldade, chegando a engasgar-se pelo que o sacristão é obrigado a dar-lhe uma palmada nas costas. Finda a operação o sacristão passa-lhe o pacote com as restantes batatas e uma garrafa de vinho, com os quais ele também abençoa o público, despeja todas as batatas fritas sobre uma bandeja e começa a cantar o hino de Fátima, cantando somente Ave, Ave, Ave Maria..., no que é acompanhado por todos os crentes. Ao mesmo tempo distribui as hostias sagradas. Os religiosos nos seus lugares com as mãos postas e os olhos fechados deitam a língua de fora, o padre põe uma batata frita em cada língua.

Depois de todos os crentes terem tomado o corpo do senhor e como sobram ainda batatas, o capelão começa a tirar mãos cheias de hostias e a comê-las, no que é secundado pelo sacristão. Depois faz um sinal a este ultimo que abre a garrafa do vinho e ambos bebem o sangue divino. Os assistentes continuam a cantar. O sacristão vai buscar um balde de agua e uma brocha, o padre interrompe o hino).

CAPELÃO: (benzendo e molhando os crentes): Deus vos abençoe, deus vos abençoe;;; (gritando) Toca pro mato, vamos a andar!!!!!! (Os soldados e restantes assistentes, levantam-se apressadamente, o padre larga a brocha e o sacristão traz-lhe a cruz. Entretanto um oficial grita).

OFICIAL: Soldados! Está a formar! (As senhoras e o governador, etc, põem-se de lado e os soldados formam a dois). (O padre avança para junto do oficial olham-se face a face em posição estática, um com a espingarda levantada e o outro com a cruz. Trocam de armas.

OFICIAL: Gritando em frente! (avança empunhando a cruz acompanhado pelo padre que leva a espingarda. Os soldados seguem-nos.

Quadro IV

Aldeia Angolana

Ouve-se música popular Africana. Os actores que ficaram no palco imitam a vida e o trabalho de uma aldeia, sob as ordens de um capataz com um chicote na mão.

Entra o colonialista:

Não há problemas?

CAPATAZ: Tudo em ordem. Quando há um que quer ganhar mais, eu sei tratar dele.

(Leva a mão à pistola que traz na cinta).

COLON: É Preciso escolher alguns para irem para a Companhia dos Diamantes. Eles pagam-nos a 5 contos cada um. E não quero velhos, Hein! É preciso gente que dê rendimento.

CAPATAZ: Com certeza, patrão! Mas se calhar há aqui gajos que ajudam os turras e preciso ver isso.

O patrão dá-lhe afectuosamente o braço e afastam-se falando baixinho. O grupo continua a trabalhar.

Quadro V Massacre

Da assistência, vêm correndo os soldados, que cercam a população. O oficial pergunta: Onde estão os turras? onde estão os turras?

Um indígena atira-se a ele e é abatido por um tiro.

O oficial dá ordem para violar as mulheres e outro indígena é chicoteado. Depois ordena que eles se ponham em fila e obriga-os a matarem-se uns aos outros, por estrangulamento, com um lenço de seda que um soldado usava ao pescoço.

O último que resta é perseguido pelos soldados e é apunhalado.

Um dos soldados avança para a frente do palco, tira a boina e atira fora a espingarda e começa a ler a notícia desta história verdadeira.

UM ACTOR:..

ANGOLA, 1968-ZONA DO ALTO CHIPAGA

Esta área imensa foi controlada pelo capitão miliciano Malheiros; que trabalha actualmente na pida em Luanda.

Nessa área havia populações que tinham prestado auxílio à Unita (organização que actua em Angola além do MPLA); cedendo; principalmente, generos alimentícios. Em resposta o capitão Malheiros organizou massacres em que toda a companhia tomava parte. Os seus instintos criminosos levaram-no à invenção dos processos mais repugnantes de tortura e assassinio. Refira-se no entanto: só o seu sistema pre ferido: A população era posta em fila indianã e cada africano era obrigado a matar (com uma corda, por enforcamento) quem estava diante dele; e assim, o filho matava o pai, a mãe o filho, as famílias aniquilavam-se entre si até que restava um. Esse que sobrava era perseguido por toda a companhia até ser morto à facada, o herói que assassinava ganhava um prémio.

Quadro VI

Guerrilheiros

Quando acabada a leitura da notícia, ouvem-se tiros, os soldados fogem e atiram-se ao chão. Entram no palco os guerrilheiros que prendem o oficial e os soldados (no nosso espectáculo eram 2), saem do palco (ou dão duas voltas se não houver essa possibilidade) e voltam a "entrar em cena" dirigindo-se aos outros actores que, entretanto, no fundo, montaram a aldeia libertada. Os elementos fundamentais da composição são uma enfermaria, uma escola, gente que trabalha e um elemento armado que anda de um lado para o outro vigiando as redondezas, representando assim a milícia popular. É ele que vê chegar os guerrilheiros e dá o sinal. A população vai ao encontro do guerrilheiro, o chefe anuncia a prisão dos soldados e todos se sentam, cercando os prisioneiros e participando no interrogatório que se vai seguir.

Aldeia Libertada

Alegria da população que cerca os 3 soldados, que estão de pé.

JAMBI: Com que então, você é o Teixeira? outro famoso carrasco do povo Angolano, como o Robles, Esteves Pinto e outros? Você só tem espalhado violações, tortura e morte. Morte para os camponeses Angolanos que se recusavam a denunciar os seus camaradas.

TEIXEIRA-Só tenho cumprido o meu dever. Defendendo a pátria dos inimigos de Portugal.

1º GUER.- Defendido a pátria não. O que tu tens sempre defendido são os interesses da burguesia internacional, que aqui em Africa nos rouba o nos soccobre, os nossos diamantes, o café, o petróleo e o nosso trabalho. São esses interesses que tu chamas a pátria. O povo Angolano esteve sempre escravizado.

2º GUER.- Sim e o povo Angolano? Não conta? Somos como bestas, não é? Só servimos para trabalhar, para sermos explorados?

JAMBI- Tu vens de Portugal, da Europa para a nossa terra, à frente da tropa matar os que só defendem o que lhes pertence. Capitão Teixeira, você é um criminoso, um assassino. E por, isso será julgado por um tribunal popular, será julgado por esse mesmo povo que tantas contas tem a ajustar consigo. Levem-no.

(cap. Teixeira é levado por 2 guerr. Jambi olha para os outros soldados, que estão com ar a temorisado).

Então e vocês, também cometeram crimes do mesmo género? São como ele, ou vieram fazer a guerra porque são obrigados? Como é que te chamas?

1º SOLD.- Soldado 1539/71, 1ª companhia do 4º batalhão...

JAMBI- Aguenta aí um momento. Sabes, nós aqui tratamo-nos pelo nosso nome e não por números. Como é que te chamas?

1ºSOLD.- Tu chamo-me Mário.

JAMBI- E donde és?

1ºSOLD.- Sou do Minho.

JAMBI- Sim. Ao Norte de Portugal. E tu?

2ºSOLD.- Eu sou alentejano. Chamo-me António Vieira.

JAMBI- Ah. Mas eu gostava que me respondes sem ao que eu perguntei à bocado.

(Recomeço da aldeia libertada. Os outros actores vão fazer a escola e a enfermaria. Um dos actores transforma-se em miliciano que faz a ronda da aldeia. Os guerrilheiros ficam à roda dos soldados).

Vieram para cá com o interesse de matar pretos, ou porque foram obrigados?

(Silêncio. Os soldados trocam olhares entre si para decidir quem iria responder).

2ºSOLD.- Sabe que se nós não viermos, vamos para a prisão... (Os habitantes da aldeia trazem cadeiras onde eles se sentam).

JAMBI- Sim, eu sei, que vocês têm esses problemas. Mas pensem que é ao contrário. Nós invadimos Portugal, destruimos as vossas culturas, ocupamos as vossas casas, violamos as vossas mulheres, mães e irmãs, fazemos de vocês nossos escravos. Gostariam que a gente vos fizesse isso?

SOLDADOS- Não, claro que não.

JAMBI- Então vocês acham que têm o direito de nos fazer tudo isso a nós?

2ºSOLD.- Sim... é verdade que não gostaria na da. E para bem dizer também nunca percebi por que é que vinhe fazer quatro anos de guerra em

África, quando na minha terra não há guerra.

1ºSOLD.- Mas desde que eu fui para a escola só me falavam que Angola era nossa, que grupos de turmas queriam roubar-nos...eu sei lá...

(A população vem dar comida aos soldados e aos guerrilheiros).

JAMBI-Tu vês esta aldeia, este povo...olha como eles trabalham e vivem...A escola, o trabalho no campo, a enfermaria... (Vira-se para o público). Nos não queremos guerra, nós só queremos viver em paz na nossa terra, mas fomos obrigados a pegar em armas contra os invasores portugueses. (Vira-se para os soldados). Eu não era soldado, eu era também camponês, como os que vocês vêm aqui, felizmente houve camaradas que falaram comigo, que me explicaram porque é que os brancos me chicoteavam, me obrigavam a trabalhar de sol a sol e me pagavam apenas o suficiente para eu poder comer e trabalhar no dia seguinte. Então, também compreendi e também me revoltar. O que é que vocês faziam no meu lugar?

1ºSOLD.- Bom, na verdade, se isso é assim, eu também me revoltaria... Mas têm-me sempre dito que vocês são estrangeiros, que são pagos para nos roubarem as riquezas de Angola...

JAMBI- Tu dizes "para nos roubarem". Mas o que é que eu te roubei a ti? O que é que eu roubei ao povo português? Nada. Eu só luto pelo que é meu. De qualquer maneira, o que é que o povo português ganha das riquezas de Angola? O que é que o povo português ganhou desses milhões e milhões de contos dos lucros das companhias que nos exploram?

1ºSOLD.-Eu até agora não ganhei nada, mas Portugal ganhou, concerteza.

JAMBI-Portugal? Não, tu estás enganado, como eles querem que tu estejas. Ainda não viste quem ganhou são os patrões, os donos das grandes

empresas que nos exploram a nós aqui em África e a vocês em Portugal? Ainda não reparaste que é a ti que eles mandam para o mato, sujeito a apanhar uma bala e para aqui ficares a apodreceres na selva?

1Guerrilheiro vem do fundo, diz qualquer coisa a Jambí. Este chama os outros guerrilheiros e saem do palco. Os soldados integram-se na vida da aldeia, na escola e na enfermaria. Os guerrilheiros regressam, trazem um ferido.

JAMBÍ- Lá conseguimos mais uma vez derrotar o Exército Português. Levaram mortos e feridos. O nosso camarada Domingos feriu-se numa perna, mas não é grave. Tratem dele.

Jambí chama os soldados e sentam-se à frente da cena.

JAMBÍ-Ouve lá, tu tinhas algum colega de peletão que fosse filho de algum grande?

1ºSOLD.-Sim, lá isso...O filho do sr. Gomes lá da minha terra conseguiu ficar numa secretaria...Por acaso o pai fez fortuna aqui em África e diz-se que se fartou de matar pretos.

JAMBÍ- Estão a ver que vocês também os conhecem?

1ºSOLD.-Pois. É com o dinheiro que arranjou aqui, montou uma fábrica de papel e depois uma tipografia. Hoje tem para cima de 400 operários por conta dele. Era lá que eu trabalhava.

JAMBÍ- E vivias bem?

1ºSOLD.-Homem, nem pensar nisso. Era eu que ajudava a família, que o meu pai no campo não ganhava para nos dar de comer.

2ºSOLD.- Ah sim, isso já se sabe...A vida de um pobre nem é preciso contá-la.

JAMBÍ- Então os teus pais, o que é que eles fazem agora?

1º SOLD.- Lá se vão aguentando, como podem. O que vale é que o meu irmão saiu agora da escola e já começou a ganhar.

Um actor avança para a frente do palco, e diz:

Os prisioneiros vão-se adaptando à vida da aldeia libertada. Já se passaram 2 meses.

Ao mesmo tempo, os actores que fazem a aldeia avançam para o círculo de Jambisoldados e cercam-no completamente. Todos sentados.

JAMBI- Mas afinal, vocês foram sempre explorados e ainda por cima vêm cá dois anos longe da família e da vossa terra, tentar matar-nos?

1º SOLD.- Sabes, é que nós temos medo. Se não viermos somos presos. E além disso eles estão sempre a falar na pátria, nas províncias ultramarinas... Eu sei lá... É a toda a hora e em todo o lado. Na rádio, no jornal, na televisão... até nos documentários do cinema.

2º SOLD.- Pois. E depois a gente quase que acredita, ou faz que acredita, para evitar chatice maiores.

1º SOLD.- E ainda por cima é cada discurso. É só doutoures que falam e de vez em quando é o novo Salazar, não sei se sabes, o Caetano...

JAMBI- Sei, sei... sei muito bem. Esse ladrão, esse assassino. Enquanto na televisão, com sorrisos e falinhas mansas vai tentando enganar o povo português, manda matar mulheres e crianças e arrasar as nossas aldeias aqui em África, mandou assassinar o nosso camarada Amílcar Cabral e tortura e mata os camaradas portugueses que lutam pela Revolução.

- Nós não lutamos contra o povo português, mas sim contra o capitalismo e os seus aliados, contra os exploradores que aqui ou em Portugal vivem à custa do suor e da exploração de quem trabalha e se hoje temos muitas vitórias e o dia da libertação se aproxima, é por-

que o povo de Angola está unido como um só homem e decidido a ir até ao fim. Como os nossos camaradas do Vietnam foram capazes de derrotar os invasores Americanos, também nós esmagaremos o colonialismo Português.

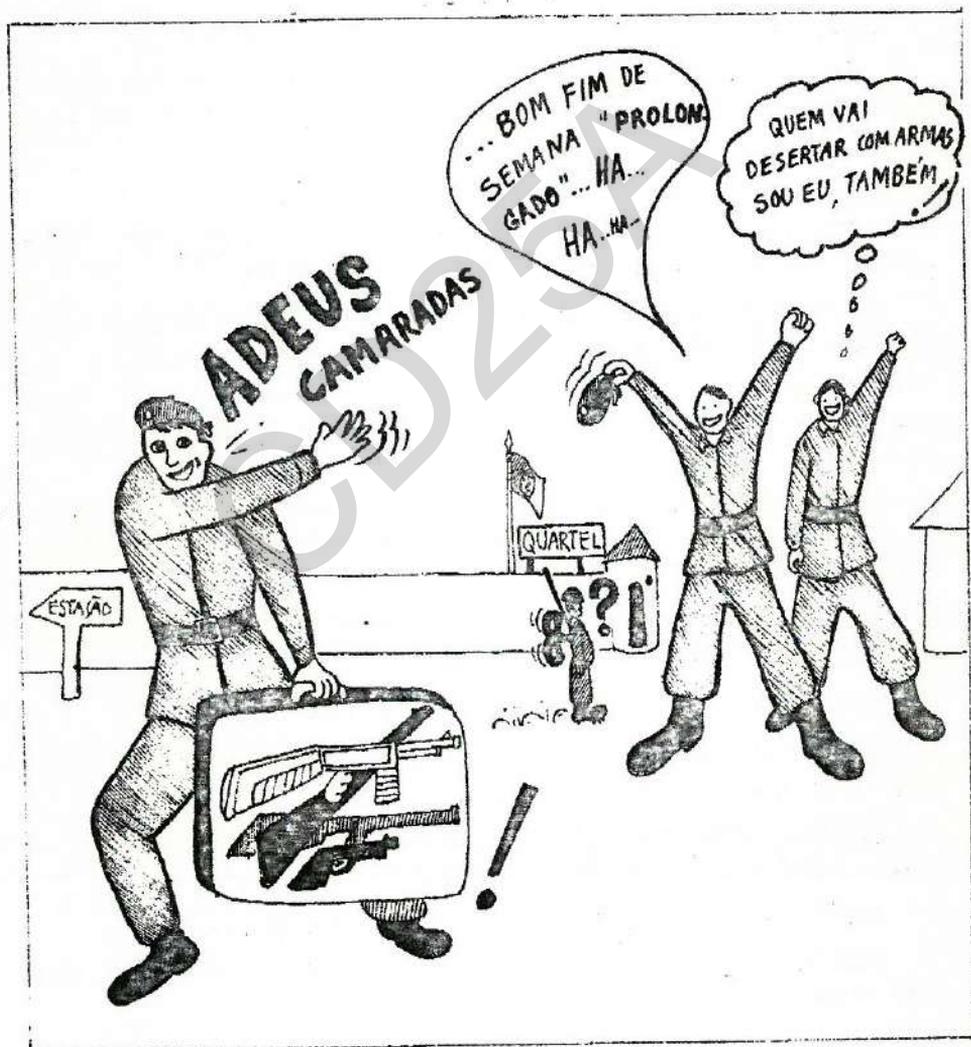
1º SOLD. - Sim, eu agora começo a perceber tudo. A verdade é que há muito tempo que tenho dúvidas sobre o que ando a fazer aqui na tropa. Mas escuta um pouco, camarada, o que tem sido a minha vida nestes últimos anos.

Um actor avança para o público:

- E então, o Mário jovem soldado português feito prisioneiro pelos guerrilheiros Angolanos, começou a contar o que ele era e o que lhe tinha acontecido desde o dia da inspecção militar. E o que vamos começar a mostrar-vos.

Parte II

PORTUGAL



Tasca em Portugal

Duas mesas onde estão jovens em grande balbúrdia.

MÁRIO-(entrando com os braços levantados saudando os seus camaradas. Dirige-se à dona do estabelecimento Maria e a sua criada Joana.);
Bons dias.

VÁRIAS VOZES: Olha o Mário.

PATROA: Bom dia Mário. O que queres?

MÁRIO (continuando com os braços levantados):
Uma rodada para a malta toda; hoje é dia de festa!

QUIM: Dia de festa? Fazes anos?

MÁRIO: Perguntas se é dia de festa? Então não fomos todos apurados para o serviço?

QUIM: E estás contente? Hoje será a festa dos per vos, mas não a nossa...

MÁRIO (sentando-se numa outra mesa): Há uns tempos que não te compreendo. Parece-me que mudamos...

QUIM: Quem mudou fui eu, pois essas histórias e sermões que nos contavam deixaram de me tocar e comecei...

MÁRIO: O que começaste? Queres safar-te ao cumprimento do teu dever...

QUIM: Ao cumprimento da porra!

ANTÓNIO: Tenham calma. (Noutro tom) Eu ainda não sei quem tem razão...

MANEL: Não me agrada nada ir para França e nunca mais cá poder voltar.

Além disso aquilo sempre é nosso...

PATRÃO: Aqueles que não nos vão defenter são uns cobardes...

CRIADA: (Limpendo uma mesa) O meu Adelino anda lá a batê-las!...

MÁRIO: A senhora Maria acertou...

QUIM (levantando-se indignado): Cobarde eu? (desembaraçando-se da cadeira onde estava sentado) Vou-te e já prá cara!

(Avança um passo, os outros barram-lhe o caminho. Na mesa em frente, varios jovens tentam acalmar Mário que entretanto também se levantara, aceitando o desafio).

VOZES: Sentem-se. Acalmem-se. Não se batam.

(Nisto Casimiro, o eterno bêbado cujo lugar predilecto é próximo do balcão, levanta-se, pondo-se no centro dos dois grupos que entretanto se começaram a sentar).

CASIMIRO: Oh homem;... (cambaleando) Andaram to..dos à es..cola juntos, (pausa) e agora querem jogar porrada?... Oh homem...

(Entra na tasca a mulher do Casimiro).

MULHER DO CASIMIRO (agarrandô-o por uma manga do casaco): Anda para casa homem... Andas sempre borracho. (Dirigindo-se para os clientes da tasca) Gasta tudo na bebedeira!

CASIMIRO (ZANGADO): Larga-me, larga-me. Deixa-me. (Desembaraça-se das mãos da mulher. Esta recua um pouco).

MULHER DE CASIMIRO (dirigindo-se à dona da tasca): Até vinte e cinco tostões que tinha dentro da mesa de cabeceira ele trouxe para gastar no vinho...

TODOS OS CLIENTES: Coitada da mulher do Casimiro...

PATRÃO: Eu não tenho nada a ver com isso. Só vem cá quem quer. Eu tenho uma porta aberta e não posso proibir ninguém de cá entrar.

CRIADA (Pondo o braço por cima do ombro da

mulher de Casimiro e acompanhando-a até à porta): Tenha paciência mulher. Esta vida...

CASIMIRO (Deixando-se cair no banco: Vai lá pôr as galinhas a mijar...

MÁRIO: Joana, traz mais um copo. Quem quiser que beba...

PATROA: Tu não quero sarilhos dentro da loja. Se quiserem lutar vão para a rua!

QUIM: Andas com a língua muito comprida...

PATROA: Cale a boca e vá lá para França e ponha-se a pau se não quer que chame a guarda!

MANEL: A senhora é que se meteu na conversa. Tem a loja aberta para servir os clientes.

MÁRIO (pondo-se em cima de uma cadeira): Joana serve mais copos. (Endireitando-se) Pela nossa civilização. (Pondo-se em sentido) Pela nossa patria. Pelo nosso Ultramar...

MANEL: Tu és quem mais sente aquilo. Mas eu cada vez que me lembro do que nós temos feito também me sinto orgulhoso.

MÁRIO (descendo da cadeira e sentando-se): Houve lá o Quim, não te lembras da história, do que a professora Ana dizia?

MANEL: Por falar da professora Ana. Oh sra. Maria faça de professora Ana. Vamos imitar a estola.

VÁRIAS VOZES: Vamos a isso!

(Forma-se um quadro em que a "professora Ana" ajudada por um outro actor, pega num "mapa" e com um ponteiro apronta-se a dar uma aula. Os outros "alunos" põem-se agachados de frente seguindo "atenciosamente" a lição).

"PROF. ANA" (com um ar autoritário): Hoje vamos falar das descobertas dos nossos valerosos portugueses.

"UM ALUNO": Sra. professora, posso ir lá fora?

"PROF. ANA": Cale-se.

(Os "alunos" lançam ao ar aviões de papel, barquinhos, etc., alguns sproveitam e dão carolos ao "parceiro do lado").

"PROF. ANA": Os valentes portugueses foram por aqui...

"UM ALUNO": Sra. professora, este menino bateu-me.

"PROF. ANA" (dá-lhe uma ponteirada): Já disse para se calarem. Foram por aqui..., sob o comando de Vasco da Gama.

"UM ALUNO": Que era de Vidigueira...

"OUTRO ALUNO": Não senhor. Era de Sines.

VOZES: Era de Sines. Vidigueira. Sines. Vidigueira. (Forma-se uma certa confusão. A professora Ana tenta falar, mas os "alunos" excitados não lho permitem. Finalmente a "professora" Ana" depois de ter distribuído um bom par de ponteiradas, consegue obter silêncio).

"PROF. ANA": A história de Portugal diz que é de Sines. A história é que fala verdade!

VÁRIAS VOZES: Oh...

"PROF. ANA": Foram por ali... (apontando o mapa)

"UM ALUNO": Foram de trotinete?...

"PROF. ANA": (dando-lhe uma ponteirada)... passaram o Cabo das Tormentas e chegaram à Índia às ordens do Infante D. Henrique.

(Um actor colocando-se à boca do palco faz de Infante D. Henrique, olhando por um canudo)

"INF. D. HENRIQUE": Terra à vista! Quero saber o que é aquilo... Tragam ouro!, cravo!, canela!, escravos!!! (fica neste lugar).

UMA VOZ: Olha, bacalhau que está caro. (risos).

"PROF. ANA": Estes feitos heroicos e memoráveis tornaram-se célebres através de "Os Lusíadas" de Luís de Camões...

CASIMIRO: O zarelho!...

"PRO. ANA": ...que os leu a el-rei D. Sebastião.

"UM ALUNO": Eu quero fazer de D. Sebastião.

(O quadro altera-se. O "D. Sebastião" fica sentado com um manto. A seu lado ficam alguns cortesões e donzelas. Em linha vê-se a corte em posição de pose (as damas abanam-se etc,...) seus pés de joelhos o trovador dedilha uma guitarra. Um cortesão estende uma passadeira em frente do rei, simbolizada por um rolo de papel higiénico. "D. Sebastião" olha enamorado para um jovem fidalgo. Entra o arauto).

"O ARAUTO" (Fazendo as vénias): Sua Alteza real chegou das índias o Luís de Camões que safou a nado "Os Lusíadas"! Ele deseja ler a sua Alteza alguns versos deste memorável poema. (Virando-se para o lado). Um cortesão abana repetidas vezes a cabeça do rei em sinal de assentimento). O arauto vira-se para o lado. Oh Luís!

"LUIS DE CAMÕES" (trazendo ajudado por outros dois actores, um enorme pergaminho e fazendo as vénias. Este personagem está perfeitamente embriagado. É Casimiro o bêbado): Por milhares nunca dan--tes na---vegados passaram para além da Taprobana...

(Ouvem-se risos. Os actores voltam à posição da tasca).

MÁRIO: Pois, pois, mas quando lá chegamos nem sequer trabalhavam!

QUIM: Porque não precisavam!

MÁRIO: Viviam em palhotas!

QUIM: Nisso também há quem viva aqui.

MÁRIO: Como os animais.

QUIM: (Levantando-se do seu assento e dirigindo-se junto à boca do palco): eu não me importo nada com isso. Vou à vida e acabou-se. (Para o público). Querem que eu vá pro Sul e eu pego na trouxa e vou para o Norte. Ganho, trabalho, junto massa e gozo.

MANUEL: Não julgues que na França tudo é maravilhas!...

QUIM: (fazendo um gesto de enfado na direcção de Manuel): Para já não vou andar nos exercícios militares, ser mal tratado, passar fome e depois ir pra guerra. São quatro anos da nossa juventude, quatro. E os que não morrem ficam aleijados a maioria. Toca para França que já lá estou, ah, ah, ah... (terminado o discurso, Quim dirige-se para o seu lugar).

MÁRIO: Á vida dura já estou habituado. Com respeito ao futuro logo se vê; mas muitos acabaram por lá ficar, ganham bem e mesmo que volte, desde que tenha prestado bons serviços de certeza que serei recompensado.

ANTÓNIO: Pois, olha o Alberto, Lá ficou por Angola e manda em mais de cem pretos...

MÁRIO: É capataz; vigia-os e ensina-os a trabalhar.

ANTÓNIO: Dizem que ganha bem e é respeitado.

MANUEL: Só manda fotografias de espingarda e chicote na mão.

MÁRIO: É preciso, são mandriões! Não querem trabalhar.

MANUEL: Tem graça que o sr. Arlindo também

nos chama os mesmos nomes...

QUIM: Pois, no Inverno quando estamos fracos ou no Verão que os dias nunca mais acabam e faz um sol de rachar. Quando era mais pequeno às vezes ameaçava-me... (fazendo um gesto de ataque) ele que me tocasse na fazenda...

MÁRIO: Mas eles são diferentes. Duros como animais!

PATRÃO: Eu não posso ver um preto. No outro dia fui a Lisboa, vi tantos a trabalhar nas obras do metropolitano e nas construções.., até fiquei agoniada...

VOZES: Ai credo...

MÁRIO: Pelo menos até agora têm trabalho. Lá em África trabalham nas plantações, nas minas e até mesmo em fábricas e portos. Alguns têm mesmo a sorte de vir até cá e ganham quase tanto como nós. Graças a nós, agora na nossa África há estradas, pontes e até mesmo barragens. Sem nós (faz uma pausa, respira fundo) - aquilo seria a selva.

(Avança para a boca do palco e diz para o público).

Tivemos esta discussão no dia da nossa inspecção militar. Era assim que eu pensava.

A guerra a meus olhos era justa. E foi assim que eu fiz.

Quadro IX Recruta

Os recrutas estão na parada. Entra o sargento Houve-se o toque de formar.

SARGENTO: Está a formar! Está a formar!

(Os recrutas correm para a formatura pondo as boínas na cabeça, abotoando os ultimos botões e com as espingardas nas mãos. Há um que se atrasa e o João).

SARGENTO: Está formado, depressa. (Tira um bloco e caneta do bolso). E tu no lugar, rápido... (Apon-tando para o João) Sentido... Descansar.

Vou fazer a chamada. Nº1.

RECRUTA 1: Pronto.

SARGENTO: Nº2.

RECRUTA Nº2: Pronto.

SARGENTO: Nº3.

RECRUTA Nº3: Pronto.

SARGENTO: Nº4.

(Silêncio).

UM RECRUTA: Foi para França!

SARGENTO: Calô. Nº5.

TODOS OS RECRUTAS: Foi com ele!

SARGENTO: Tudo calado! E não meche! Nem que pas-se um prato de batatas fritas pelo nariz. Nº6.

RECRUTA Nº6: Pronto.

SARGENTO: Nº7.

RECRUTA Nº7: Pronto.

SARGENTO: Nº8.

RECRUTA Nº8: Pronto.

SARGENTO: Nº 9:

RECRUTA Nº9: Pronto.

SARGENTO: Nº10.

RECRUTA Nº 10: Presente!

SARGENTO: Você anda a brincar com o aparelho?! É pronto e não presente.

RECRUTA Nº10: Pronto!

SARGENTO (mais alto): Pronto!

RECRUTA Nº10 (ainda mais alto): Pronto!

SARGENTO: Pronto! E cale o bico! Nº11.

RECRUTA Nº11: Pronto!

SARGENTO: Nº12.

RECRUTA Nº12: Pronto!

SARGENTO: Nº13.

RECRUTA Nº13: Pronto!

SARGENTO: Nº14.

RECRUTA Nº14: Pronto!

SARGENTO: Nº15. (silêncio) Nº15!, Nº15!

(Silêncio).

UM RECRUTA: És tu ó João!

JOÃO (avançando): Eu sou o João.

SARGENTO: Aqui é o 15! O João ficou em casa!

JOÃO: Não, não meu sargento. O João está aqui.

SARGENTO: Já lhe disse. Você é o 15, o João morreu.

JOÃO: O João morreu. O João sou eu!

SARGENTO: Já lhe disse. Estamos na tropa. Fixe bem. Você é o 15. O João desapareceu.

JOÃO: O João não desapareceu! Está aqui! (batendo levemente no peito e encolhendo-se).

SARGENTO: Morreu! É um número é o 15. E pchna-se na formatura!

JOÃO: Poderei ser um número ser o 15, mas o João não morreu. Está aqui e a ser insultado pela tropa.

SARGENTO (fingindo não ouvir as últimas frases do João): Atenção! Sentido! (Entra o oficial. O sargento faz a continência).

OFICIAL: Podem descansar! Á von--tade. Vou passar a re--vis--ta. (Dá alguns passos, olhando os recrutas). Isto não está bom, nem está mau. (Pausa). Esta uma merda! (Empurrando João) Põe-te direito! (Dando mais uns passos). Tu porque não fizeste a barba?

RECRUTA: Não tenho laminas. Desde que estou na tropa não ganho e ...

OFICIAL (interrompendo-o): Não quero saber nada disso! Desenrasca-te! Paga dez. (O recruta lança-se a fazer as flexões). (O oficial olha-o). Paga mais dez e pra a próxima é carecada. (Continua fazendo a inspecção). Tu, os botões dessa farda?

RECRUTA: Meu capitão..., não tenho tido tempo nem linhas...

OFICIAL: Dez... (Recruta faz também flexões). Vamos começar. Firme! Sentido! Direita volver! (Os soldados volveem direita excepto João que volve ao contrario).

OFICIAL (excitado): Besta! Camelo! Bum! Qual é a tua mão direita? Não sabes meu cavalo?

JOÃO (balbuciando e indicando com a cabeça): É, e esta.

OFICIAL (irritado e dando-lhe uma palmada na mão esquerda): É esta burro! E não deixe cair a arma.

UM RECRUTA: O meu oficial enganou-se, essa é a esquerda.

OFICIAL (indignado): Estes burros até me fazem enganar!... (Agarrando-lhe ora, numa ora noutra mão). Esta é a esquerda, esta é a direita!, e não deixe cair a arma! E isto (dando-lhe uma pancada na cabeça) são os cornos que servem para pensar...

(João ajeita a boina e olha o oficial com ar zangado).

OFICIAL; Vá pró fim, da formatura! (João mantém-se estatico). Vá lá para traz, rápido! (João não buje. O oficial avança, pega por um braço e vai-o empurrando). Vá pró fim., pró lugar dos burros! (João fica muito quieto mas fora da formatura. O oficial desiste). Atenção pelotão!... Em frente, marcha! (Os recrutas começam a marchar em passos seguro e firme, excepto João). E tu toca a andar! (Os recrutas marcham em circulo em volta do oficial que se mantém no centro, acompanhando-os nos movimentos).

Um, dois, esquerdo, direito! Passo de corrida... marche! (Os soldados agora correm em torno do oficial. João mantém o seu passo pachurreto. O oficial procura dar-lhe um chute). Vamos embora pra frente! (João apressa o passo e escapa-se-lhe. O oficial desiste e continua e continua). Um, dois, esquerdo, direito! (Nisto o oficial tropeça e cai. Ouve-se grande algazarra por parte dos recrutas que deixam de correr e riem com ar trocista olhando o oficial estatelado no solo).

OFICIAL: (Levantando-se apressadamente, gritando e gesticulando). Todos calados cambada de imbecis. Tudo em linha formado. (Os recrutas formam em linha de costas para o público).

Quem é que se riu? (faz-se silêncio). Quem é que se riu?! Se não confessam ficam todos com três fins de semana cortados!

O BUFO (avançando e apontando um recruta): Foi este meu oficial.

OFICIAL: Vá prá formatura! (Avança para o soldado apontado pelo bufo e dá-lhe um murro que o faz cair por terra. O oficial olha odiosamente o recruta caído no chão e dá-lhe ainda um pontape. Entretanto vários recrutas viram-se para o camarada espancado mas o oficial grita-lhes).

Virem-se para a frente. E tu levanta-te! Rápido! (O recruta espancado levanta-se vagarosamente).

Põe-te no teu lugar! (Noutro tom): Querem brincar. (Rindo). Então vamos ver quem brinca mais, ah! ah! Todos pro chão! (Os recrutas fazem a queda facial). Todos a rastejar na minha direcção ah! ah! Venham rastejando (ri) até me lamber as botas.

Venham cãozinhos, venham aqui ao dono! Alto! Quietinhos. Vou fazer uma pequena corridinha.

(Começa a correr por cima dos corpos dos recrutas deitados no chão). Ah! ah! (Os recrutas à medida que o oficial os espezinha gritam): Ai! Ui!

Sargento: Trate destas bestas!

SARGENTO: Bestas!, de pé! (Os recrutas levantam-se). Têm dez minutos para fumarem o cigarro (Dirigindo-se ao bufo).

Vamos até ali beber um copo com o oficial.

Ataque ao Bufo

(Os recrutas falam uns com os outros. Há um grupo que se destaca, onde está João, o recente espancado e mais dois).

JOÃO (cerrando os punhos de zangado): Estás a ver aquele malandro a denunciar os camaradas.

UM RECRUTA: A gente vai-lhe dar um arraial de porrada!

RECRUTA ESPANCADO: E se ele fala outra vez e nos vai denunciar?

OUTRO RECRUTA: Aquilo é um cobardesito, não é homem nem é nada. Se perceber que quando fala, acaba por voltar a apanhar nas trombas, nem se mexe. Está descansado. O que temos é que lhe dar uma coça na primeira oportunidade.

(Nisto aparece o bufo sózinho, vindo do bar. O grupo de recrutas olha-se entre si. Quando o bufo passa perto deles, João avança e passa-lhe uma rasteira. Os outros saltam-lhe em cima, dando murros e pontapés. Um actor avança e faz de narrador).

NARRADOR: E assim se passa a vida do soldado.

Humilhado e escravizado pelos oficiais, continua na tropa a ser oprimido como na vida civil, quando operário ou camponês.

Resta-lhe juntar-se aos outros para ser o mais forte e poder castigar os bufos que o denunciam.

A noite, cansados, estendem-se na caserna e dormem a sono solto.

Mas nem todos dormem!

E nessa altura uma nova vida começa no quartel....

Quadro XI Agitação

Nocturna no Quartel

Os actores dispõem as cadeiras, duas a duas, de maneira a formarem "as camas" dos recrutas. Ouve-se o toque de dormir. Estes deitam-se nelas. Lá fora a sentinela vigia, passeando de um lado para o outro. Nisto três recrutas agitadores surgem do meio das tarimbas. Trazem papel e marcadores. Um põe-se de vigia, a ver os movimentos da sentinela ou notar qualquer outro imprevisto ou ronda. Com o aproximar da sentinela emite um som combinado e todos se escondem. Com o afastamento do perigo, volta a indicar aos camaradas que podem continuar a agitação. Estes escrevem cartazes onde se lê:

ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA!
DESERTA COM ARMAS!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

Colam cartazes em sítios bem visíveis e espalham panfletos, que entretanto também são distribuídos ao publico. Vão deitar-se ao lado dos outros. Ouve-se o toque de levantar. Os recrutas começam a mecher estremunhados. O sentinela passa.

SENTINELA: Vamos a levantar!

(Os recrutas esfregam os olhos, espreguiçam-se e levantam-se. Começam a ler os cartazes e a fazer comentários, apanham os panfletos espalhados no chão. Há um que se distingue. Apanha um panfleto, faz uma rápida leitura e esconde-o rapidamente debaixo da camisa. Depois dirige-se sózinho a um extremo do palco e lê-o para si. Entretanto os outros recrutas, retiram silenciosamente os cartazes e guardam-nos.

O recruta que se encontra sózinho a ler o panfleto, volta a guardá-lo debaixo da camisa, faz um sinal cúmplice a mais dois. Dirigen-se os três

ao outro extremo, lê o panfleto, agora em voz alta e para o público):

CAMARADAS SOLDADOS.

NÃO DEVEMOS PARTICIPAR NESTA GUERRA ASSASSINA

NÃO QUEREMOS MATAR OS NOSSOS CAMARADAS AFRICANOS, QUE NOS DÃO UM GRANDE EXEMPLO DE LUTA REVOLUCIONÁRIA.

NÃO QUEREMOS MORRER COM AS BALAS DOS NOSSOS IRMÃOS AFRICANOS.

TAMBÉM NÃO QUEREMOS EMIGRAR DA TERRA ONDE NASCEMOS, QUEREMOS VIVER NA NOSSA TERRA, MAS LIVRES, SEM TERMOS QUE IR À GUERRA, SEM VIVERMOS EXPLORADOS E COM FOME.

PARA ISSO, CAMARADAS, TEMOS QUE LUTAR CONTRA QUEM NOS OPRIME, NOS EXPLORA, NOS METE À FORÇA NA TROPA E NOS MANDA À GUERRA ASSASSINA.

PARA ISSO, CAMARADAS, TEMOS QUE UNIR AS NOSSAS BALAS AS BALAS DOS NOSSOS CAMARADAS AFRICANOS, E VOLTA-LAS CONTRA QUEM AS MERECE, CONTRA QUEM OS EXPLORA E NOS EXPLORA, CONTRA QUEM OS OPRIME E NOS OPRIME: OS IMPERIALISTAS, OS CAPITALISTAS, O ESTADO E O EXERCITO BURGUES QUE OS SERVEM.

- Fase fundamental do

"Manifesto dos Soldados Portugueses".

Quadro XII Aula de

Accção Psicológica

Os soldados guardam os últimos elementos da agitação. Entretanto o quadro é modificado. As cadeiras são retiradas e os recrutas vão buscar as boinas. Entram o oficial e o sargento. Os recrutas apressam-se.

SARGENTO: Está a formar em U! (João é o eterno atrasado. Os soldados dispõem-se na ordem exigida mas João, continua com os eternos problemas de abotoar os botões, coma arma ora numa ora noutra mão). Firme! Sentido!

OFICIAL: Podem descansar. (Começa a passear de um lado para o outro com o pingalim numa das mãos, que vai agitando de acordo com os movimentos),

Ha alguns problemas, nos quais ainda não falamos. Partimos do princípio que há muitas coisas que nem sequer podem ser postas em causa. Mas tememos bem que alguns de vós sejam permeáveis ao vírus da subversão! (Mudando de tom, apontando com o pingalim).

Tu por exemplo; Angola, Moçambique e Guiné o que são?

JOÃO (muito sério): Terras em África.

OFICIAL: Tu.

RECRUTA 1: Terras onde vivem muitos pretos, pretinhas, crocodilos...

OFICIAL: Cale-se. Tu.

RECRUTA 3: Províncias do Ultramar.

OFICIAL: Tu.

RECRUTA 4: Províncias Coloniais.

OFICIAL: Tu.

RECRUTA 5: Províncias Ultramarinas das Colónias.

OFICIAL: Tu. (Cada vez mais irritado).

RECRUTA 6: Colónias Portuguesas.

OFICIAL: Alto! Basta tanta asneira, tanta estupidez e ignorância. E a ti quem te disse que eram Colónias Portuguesas?

RECRUTA 6: Ninguém...na escola, talvez...

OFICIAL: Na escola?

RECRUTA 6: Eu andei pouco tempo a aprender, mas estudei um pouco de história.

OFICIAL: Qual história?

RECRUTA 6: Na que tinha estudado meu pai.

OFICIAL: Ah!??? Isso era antigamente. Parece impossível que estejam tão mal informados...a não ser que haja agentes da subversão mesmo aqui dentro...

SARGEITO: Talvez não...

OFICIAL: Que toda a gente fique sabendo que Angola, Moçambique e Guiné são províncias Ultramarinas Portuguesas. É dever e obrigação de todos os portugueses lutarem pela sua manutenção e para isso que aqui estão a prepararem-se. Há pretos que querem que nós, os portugueses saíamos de lá e combatem-nos. Temos que os matar implacavelmente. E mais, há também portugueses que querem o mesmo. Matamo-los também.

Agora há outro problema. Sabem que aqui em Portugal, no continente, também há terroristas? (Os recrutas ficam calados). Não sabem. No outro dia em Braga, fizeram parar uma fábrica!

RECRUTA Nº6: Ah! Na Grunding alemã...A minha irmã trabalha lá. Ganhava uma miséria.

OFICIAL: Os patrões alemães como os patrões do mundo inteiro dão trabalho aos operários e pagam-lhes.

RECRUTA Nº6: Pagam pouco.

OFICIAL: Qual quê...se não fossem os patrões investir não havia trabalho e quem não tivesse dinheiro morria à fome.

RECRUTA Nº6: E quem o tivesse?

OFICIAL: Tinha-o e comprava.

JOÃO: O quê?

OFICIAL: O que lhe apetecesse. Bem, como dizia há terroristas também aqui. Eles trabalham principalmente nas fábricas, provocam a paralisia do trabalho, a subversão e cometem atentados e roubos. Nas vésperas do Natal, nessa data tão solene e sagrada, de paz e amor entre os homens, eles as saltaram um supermercado no Porto e roubaram tudo...ladrões...e fizeram...

JOÃO (rindo): Ah! Ah! Ah!

OFICIAL: De que te ris tu ó ignorante?!

JOÃO: De nada. Este ano o Natal foi bom lá em casa...

OFICIAL: E isso dá vontade de rir enquanto eu falo!

JOÃO: Só faltava o Perú...

OFICIAL: E depois?

JOÃO: Eu também sou do Porto e moro no Buhlão....

OFICIAL: Também roubaste?

JOÃO: Não senhor mas a consuada foi bem passada.

OFICIAL: Isso é caso para me interromperes? Bom, é possível que um dia destes hajam grandes manifestações nesta cidade.

RECRUTA Nº6: Eles são muitos?

OFICIAL: Não são muitos mas levam muita gen-

te atraz deles.

JOÃO: Porquê?

OFICIAL: Porque o povo é estúpido, ignorante e mandrião.

VÁRIOS RECRUTAS: Ah!...

OFICIAL: Eles prometem-lhes que seremos todos iguais.

RECRUTA Nº6: Isso seria bom...

OFICIAL: Cale-se sua besta! Você queria ser igual a mim? Acha que temos algo de parecido? E os nossos filhos... (Aponta com o bengalim na direcção do seu proprio corpo) Não serão naturalmente gente mais capaz e superior aos seus e de todos vós. (Aponta na direcção dos soldados).

JOÃO: Pois os filhos dos senhores andam nos estudos...

OFICIAL: Sim senhor.

JOÃO (elevando os braços): Têm uma cabeça muito grande!

OFICIAL: Pois claro. Bom, se houverem greves com occupação de fábricas e manifestações de rua que normalmente tomam um carácter violento, o governo convida-nos a entrar em acção a fim de ajudar a policia a restabelecer a ordem.

JOÃO: E o que faremos nós?

OFICIAL: Combatê-los-emos. Se for preciso atiraremos a matar. O necessário é restabelecer a ordem. A pátria e a paz social valem todos os sacrificios.

(João aproveita ele estar de costas e faz um manguito).

RECRUTA Nº6: Mas que faremos nós?

OFICIAL: Combatem!

RECRUTA Nº6: Contra quem?

OFICIAL: Contra todos os rebeldes.

JOÃO: Mas quem são eles?

OFICIAL: Os terroristas e os outros e há sempre o perigo que esses outros venham a ser terroristas.

JOÃO: E quem são os terroristas e os outros?

OFICIAL: São...

RECRUTA Nº6: O tal povo estúpido, ignorante e malvado?

OFICIAL: Isso mesmo.

JOÃO: Mas quem trabalha?

OFICIAL: São esses mesmos.

TODOS OS RECRUTAS: Nós!!!

OFICIAL: Mas trabalham pouco e mal. Além disso aqui são soldados e é um orgulho servir a pátria e o governo. Podem destroçar e ir para o refeitório.

Quadro XIII Levantamento de Rancho

Todos os recrutas estão no refeitório de pé, de frente das mesas, conversando entre eles.

1º RECRUTA: Isto é uma merda!

2º RECRUTA: Isto é comida para porcos!

(O oficial entra e diz).

OFICIAL: Podem sentar-se, podem comer.

(Os recrutas sentam-se mas não tocam na comida. O oficial vendo isto dirige-se para uma mesa).

OFICIAL: Porque é que não comes?

1º RECRUTA: Não tenho fome meu tenente.

OFICIAL: E tu?

3º RECRUTA: Dói-me a barriga, meu tenente.

OFICIAL: E tu dói-te a barriga ou não tens fome?

3º RECRUTA: Não me apetece comer isto.

OFICIAL (Ao acabar de dizer a frase o oficial agarra o recruta empurra-o por cima dos outros e diz-lhe): Tens que comer!

(O recruta levanta-se, o oficial agarra-o outra vez e puxa da pistola).

OFICIAL: Ou comes ou dou-te um tiro. (Empurra-o).

(Os recrutas vendo isto, começam a fazer barulho. O oficial foge com medo para a frente das mesas. Um recruta saltando por cima da mesa dá-lhe um pontapé na cara que faz cair o oficial).

RECRUTAS: Estamos contigo Manel.

(Os recrutas fazem um círculo em volta do oficial caído, preparando-se para lhe dar mais porrada, mas chega o comandante e os recrutas voltam às mesas. O comandante dirige-se para o oficial ainda caído).

COMANDANTE: O que se passa?

OFICIAL (levantando-se apressadamente e ageitando a farda): Não se passou nada, meu comandante.

COMANDANTE (com ar de interrogação pergunta dirigindo-se aos soldados): Não se passou nada?

UM RECRUTA: Isto não é comida para homens, meu comandante.

COMANDANTE (prova a comida e faz uma careta): Efectivamente esta comida não é nada boa. Temos de castigar os responsáveis, isto é, o cozinheiro e os seus ajudantes.

OFICIAL: Sim, sim, eu encarregar-me-ei de os castigar.

UM RECRUTA: Mas, meu comandante, o cozinheiro que faz a comida para os soldados não é o mesmo que faz a comida para os oficiais?

COMANDANTE: Bom, bom, bom, cale-se!

(A cena para e entra o cozinheiro limpando as mãos ao avental).

COZINHEIRO: Agora eu é que pago as favas!...

COMANDANTE: Bem rapazes dirigam-se para a parada. Será feito novo rancho e dentro de duas horas terão uma boa refeição, aliás como de costume. (Faz uma pausa, vira-se para o oficial e diz) Você venha comigo.

(Os recrutas começam a sair do refeitório. Um grupo destaca-se e começam a conversar).

UM RECRUTA (dirigindo-se a um camarada): Daqui a 3 ou 4 dias a comida volta a ser a mesma. Temos que exigir que o rancho seja o mesmo dos oficiais. Somos homens como eles.

(Os dois que falaram apertam as mãos. Os outros recrutas e o cozinheiro fazem um círculo e põem o punho no ar).

Quadro XIV

Juramento de Bandeira

NARPADOR: Chegou o dia que os oficiais querem fazer crer aos soldados ser o mais importante momento da sua vida.

É montado uma tribuna coberta pelas cores verde e vermelha. Os soldados encontram-se na paráda. Entra o comandante, o capelão e oficial.

Depois de marcharem ao som da música marcial de terem passado revista às tropas e o capelão ter abençoado os soldados, dirigem-se os três gorilas para a tribuna onde se mantêm de pé. O comandante ladeado pelos dois subalternos, depois de mais uma vez ter "fuzilado" os soldados com o seu olhar, mete uma das mãos no bolso de onde tira um papel e inicia a leitura do "solene discurso".

COMANDANTE (num tom duro e odioso): Soldados é hoje o dia mais importante da vossa vida. Hoje vão jurar fidelidade a bandeira portuguesa. Vocês são jovens, fortes e com saúde. A pátria precisa de vos. A pátria está em perigo! É uma honra para todos nós defendê-la, ir para a frente da batalha, defender o que foi conquistado pelo esforço dos nossos antepassados. Os que tiverem melhores classificações e os que tiverem sempre, sempre, um comportamento digno do exército, ficarão em Portugal.

(Com vós trémula e choramingando). Nós sabemos que vocês merecem mais do que têm no exército, sabemos que a comida podia ser melhorzinha (o oficial chora e limpa as lágrimas com um lenço que entretanto tira do bolso, o capelão benze os soldados e chora também). Que as camas deviam de ser mais confortáveis e limpinhas, que vocês deviam de ter mais repouso. (Voltando ao tom odioso). Mas não podemos dar-vos mais do que vos damos. A pátria está em perigo, lutando contra os invasores

estrangeiros e contra a subversão interior e internacional. Exige-se o sacrifício de todos vos. É o que vos peço no dia do juramento de fidelidade que vocês vão prestar à civilização cristã e ocidental!

OFICIAL: Juras que darás o teu sangue pela tua Pátria?

VOZES: Juro. Sim senhora.

OFICIAL: Juras que defenderás a tua bandeira?

VOZES: Juro.

OFICIAL (tirando uma pistola do "colt" e apontando para os soldados): Juras que obedecerás sempre às ordens dos teus superiores?

VOZES: Juro. (Ruídos e risos).

OFICIAL (mantendo a pistola apontada para os soldados): Juras que se necessário for matarás pai e mãe pela defesa da pátria?

VOZES: Juro.

UMA VOZ: Não querias mais nada...

Ouve-se novamente uma marcha militar. O comandante e os restantes gorilas ficam imóveis em sentido. Um dos soldados pega numa cana de pesca e começa a enrolar o carreto e a pouco e pouco vê-se elevar do chão a bandeira portuguesa. Os três gorilas fazem uma solene continência no que são acompanhados pelos agora soldados. Entretanto a bandeira é elevada até ao ponto mais alto da cana de pesca. Então inicia a descida. O som da música vai-se afastando, e os três gorilas, descem da tribuna, dão mais uns passos militares, voltam a fulminar os soldados com os seus olhares e afastam-se. Ouve-se uma voz que dá ordem de destroçar.

NARRADOR: No fim de semana os soldados podem ir a casa. Alguns aproveitam para não mais voltar.

Quadro XV Deserção com Armas

Os soldados vêm desde o fundo do palco abraçando-se uns aos outros. Um soldado vem a correr, apanha ainda os que se despediram e pergunta:

SOLD.1- O quê? Tu vais desertar?

SOLDAD.2- Vou e não sou só eu: Vai também o Manel. Já fiz a recruta, já aprendi aqui o que tinha a aprender, que era mecher nas metrelhadoras destes gajos. Agora já estou preparado para o futuro e está descansado que não é contra os meus camaradas que eu vou atirar.

MANUEL: Bem, chega de conversa. Vamos embora. Ajuda-me a levar a mala.

(Abraçam-se e desejam felicidades).

Na rua

MANUEL- Anda até aqui. Tenho aqui um encontro para dar esta mala. É uma bela prenda para os camaradas que andam na luta: Duas metrelhadoras e duas pistolas.

CHEGA UM INDIVÍDUO

Manuel entrega-lhe a mala. Abraçam-se.

O MILITANTE. Obrigado camarada. Boa viagem. Até um dia destes.

Abraçam-se. Erguem o punho. Afastam-se.

Quadro XVI

Interrogatório dos Soldados

(Os soldados estão na parada. Ouve-se o toque de formar. Entra o oficial a correr).

OFICIAL: quem é que sabe para onde foram esses malandros? Desapareceram duas metrelhadoras e duas pistolas. Foram eles que as roubaram. Para onde e que eles foram?

(Os soldados fazem silêncio. O oficial insiste). Estão a ouvir?

Desertaram, para onde foram?

JOÃO (encolhendo os ombros): Se eles desertaram...

OFICIAL (irritado): Cale-se. Mais uma asneira! Bem, amanhã a companhia vai tomar o barco e dentro de dias estaremos em Luanda. Vocês vão mudar de vida, vão ver.

JOÃO: Eu também vou?

OFICIAL: Concerteza.

JOÃO (uma voz baixa para o companheiro do lado): Com certeza alteza!

(Faz um manguito).

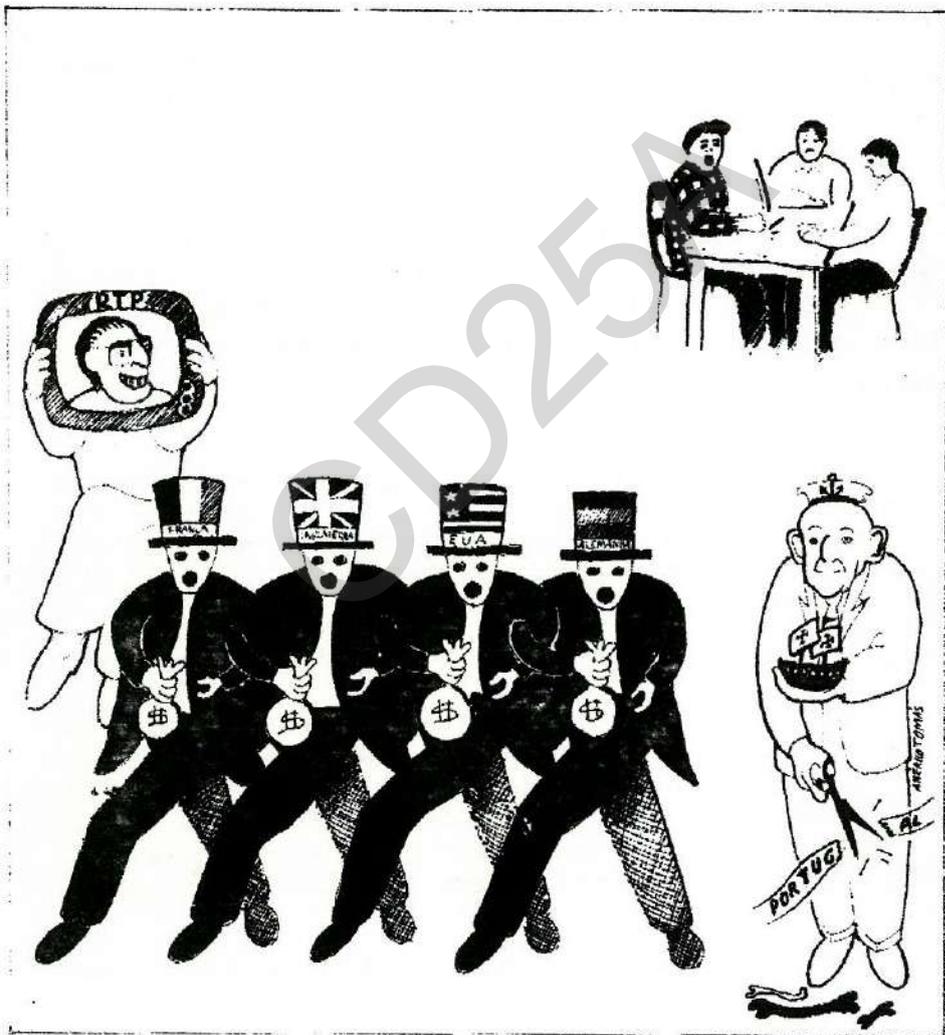
O oficial manda destroçar.

Mário (avança para o público): Pois esta foi a minha vida. O resto já vocês sabem: Depois de andar uns tempos lá pelo mato, acabei por ser preso pelos guerrilheiros. Como não podia ficar ali toda a vida, pedi para me mandarem para França. Para eu me desenrascar quando chegasse a Paris, deram-me a morada de um Comité de Desertores, organização que ajuda os jovens que recusam servir no Exército Português. E aqui estou a chegar. (Vira-se para o palco).

CD25A

Parte III

FRANÇA



Quadro XVII França

CHEGADA-Austerlitz. Ouvem-se ruídos de Austerlitz e valsa musette. Gente que passa. Emigrantes com malas atadas com cordas: Mário com um papel na mão. Ninguém lhe liga. Fala com uma portuguesa.

MÁRIO- Desculpe a sr^a. é portuguesa?

_____ Sou, sim senhor.

MÁRIO- Não me sabe indicar onde é esta morada?

_____ Vai por aqui, por ali...

MÁRIO- Adeus, obrigado.

Mário afasta-se. Ruído vai-se extinguindo. Dá uma volta ao palco. Olha para cima como a procura do nº da porta. Bate a uma porta (dois actores de costas), vem um que afasta os dois actores (ao meio) e pergunta:

_____ O que é,

MÁRIO- Vim de Angola, fui feito prisioneiro, os guerrilheiros deram-me esta morada. Parece que os senhores são um Comité de Desertores que ajuda os portugueses que têm problemas com a tropa!

MILIT. Sim, é verdade. Entra que vamos tratar do teu caso.

Passado uns instantes, Mário volta a sair (de preferência vestido de outra maneira) acompanhado pelo militante do Comité de Desertores. Anda um bocado, olha para o relógio e põe-se à espera. Chega o amigo. Abraçam-se, riem e dirigem-se a um café onde se sentam numa mesa a beber um copo.

MÁRIO. Pois cheguei cá, o Comité de Desertores

ajudou-me, escrevi para a terra e assim consegui a tua morada.

AMIGO- Bem, mas conta lá coisas. Ainda tens as mesmas ideias que tinhas quando fomos à inspecção?

MÁRIO- Nem imiginas o que mudei. Eu era um ce-
guinho que não percebia nada da vida. Parecia um
papagaio a recitar o que aqueles malandros nos
tentam meter na cabeça. Ainda bem que fui preso
em Angola. Com o que andava a ver no exército e
com que os guerrilheiros me ensinaram, os tais
pretos ignorantes e selvagens como o Gaetano
diz, estou muito modificado. A guerra só traz in-
felicidade ao povo. Uns morrem, outros vêm alei-
jados ou doentes da cabeça. E quando voltam pa-
ra Portugal, nem trabalho têm.

Ao mesmo tempo, o Marcelo e o outro continu-
am a enganar a gente. Dizem na televisão que
aquilo é posso e nem Angola nem Portugal já nos
pertence, e dos Americanos; Alemães, Franceses,
etc, etc., Eles enchem-se de massa e a gente que
estoire com fome.

Um actor põe a máscara de Marcelo Caetano, senta-se numa cadeira com o caixilho da televisão e diz: "Nos não podemos abandonar o que é nosso, o que foi conquistado pelos nossos antepassados; onde temos tanto suor e tanto sangue português. Vertido para espalhar a fé e para levar a nossa civilização a povos incultos e atrasados".

Ao lado, Américo Tomaz com um colar de onde suspende uma tesoura, diz; "Estou muito feliz por estar aqui, porque se aqui não estivesse estaria noutro sítio e se estivesse nesse sítio não podia estar aqui", Gostei muito do almoço e a minha Gertrudes também".

(Mulheres que representam as senhoras fascistas e crianças com ramos de flores).

"Viva o Senhor Presidente da República!"
Apresentam-lhe uma fita e ele corta.

Entram em cena 4 actores com chapéus com as cores dos USA, França, Alemanha e Inglaterra; com sacos na mão que tem um pifráo. Ao mesmo tempo Tomaz acaricia crianças e Caetano diz: Bla, Bla, Bla....

CANTAM:
DAMOS BOMBAS E CANHÕES
METRELHADORAS E AVIÕES
UMAS MASSAS AO MARCELO
AO MAGALHÃES E AO JORGE DE MELO
OH! PORTUGAL DO CAETANO
DÁ-NOS PONTES MINAS E TUDO
E PODE-SE LÁ ROUBAR
SEM NINGUÉM NOS INQUIETAR
SÓ TEMOS E QUE NOS PROTEGER
NÃO SE FARTE O POVO DE SOFRER
E PENSE EM SE REVOLTAR

Os actores distribuem os sacos pelo Marcelo e pelo Tomaz e põem-se atrás deles.

QUIM- Pois, é isso. E aqui é a mesma coisa. Um gajo ganha mais mas rebenta a trabalhar e vive sem conforto nenhum. Nem percebe a língua, é uma chatice. Já compreendi que isto é tudo igual: não ha nada a fazer. Nascemos pobres e ha-de ser sempre assim. Uns vivem bem e outros trabalham para esses gajos encherem a pança sem mecherem uma palha.

MÁRIO- Não, camarada, isso não há-de ser sempre assim. Ouve países em que o povo também vivia na miséria e aquilo virou. Hoje só vive bem quem trabalha. Não há lugares para inúteis e parasitas.

QUIM- Oh Mário, mas como é que a gente consegue fazer uma coisa dessas em Portugal? Eles têm armas, têm dinheiro, têm tudo!

MILITANTE- Pois, é natural que tu estejas descrente e desanimado, que penses que os pobres não-de ser sempre pobres e os ricos a cada vez mais ricos e que aquilo em Portugal nunca há-de acabar.

Mas há coisas que tu não sabes. No nosso país as coisas estão a mudar. O povo começou a organizar-se, a lutar e perder o medo. (Levanta-se e dirige-se para o público. Começa uma intervenção de informação das lutas que se travaram recentemente em Portugal, modificável de espectáculo para espectáculo).

Os operários da Grunding em Braga, de Guimarães, da Covilhã, de Leixões, os camponeses do Vale de Vouga e de Alpiarça, os pescadores de Matoinhos e outros milhares de trabalhadores têm arrancado vitórias sucessivas sobre os patrões, recorrendo a greve e a luta violenta contra a policia e a Guarda Republicana.

O povo levanta-se de Norte a Sul do país, recusando colaborar na Guerra Colonial Assassina, apoiando assim a luta revolucionaria dos soldados que se recusam a embarcar e desertam com armas.

No dia 23 de Dezembro, no Porto, 150 camaradas irromperam pelo supermercado Villares, frente ao Bulhão e procederam à expropriação de géneros alimentícios no valor de dezenas de contos, distribuindo-os seguidamente ao povo que inundava as ruas Formosa e Sá da Bandeira. Por uma vez tiveram rancho melhorado no Natal...

Tudo isto, todas estas lutas, todas estas vitórias, a alegria com que o povo aceita e colabora nas acções revolucionárias, demonstram que as coisas mudam em Portugal, que se aproxima a nossa libertação e o dia da vitória da Revolução Popular!

(Levanta o punho saudando o público e volta para a mesa).

MÁRIO-Não te esqueças que nós somos milhões, e eles não passam de um punhado de capitalistas e seus lacaios. Se nós nos unirmos esmagaremos esses vermes. Precisamos de ter confiança uns nos outros, nos organizarmos e começar a luta que nos levará à vitória.

QUIM-Sim, mas essa luta vai ser dura. Vai morrer muita gente...

MÁRIO- (levantando-se e dirigindo-se para o público, seguido por João e pelo militante)- Camarada, a luta será longa e será dura. Os capitalistas não vão largar as fábricas e as terras de boa vontade.. Tentarão matar-nos e dividir-nos, lançar-nos uns contra os outros. Mas a nossa luta merece todos esses sacrifícios e será vitoriosa, porque é justa e porque representa o interesse de milhões de explorados.

Nos lutamos pelo fim da exploração do homem pelo homem.

Nós lutamos pela chegada de um Mundo de paz e de progresso para todos os trabalhadores.

Só temos a nossa miséria e as nossas cadeias a perder, temos tudo a ganhar.

Os três actores levantam o punho e gritam:
ORGANIZADO E COM ARMAS O POVO É INVENCIVEL
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

Depois viram-se e atacam o quadro formado por Marcelo, Tomaz e os imperialistas. Deitam-nos ao chão e outros actores começam a surgir com bandeiras vermelhas, foices, martelos e espingardas. Desdobram-se 3 cartazes com os dizeres.

VIVA A JUSTA LUTA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS
DAS COLÓNIAS

ORGANIZADO E COM ARMAS O POVO É INVENCIVEL
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

Os actores colocam-se atrás e só aparecem punhos, armas e instrumentos de trabalho. Ouve-se a INTERNACIONAL:

CD25A

A Peça, os Trabalhadores e os Burgueses

"O Soldado" ia começar. A sala estava cheia de público, na sua esmagadora maioria, composto de trabalhadores, mas não só... À maioria dos espectadores, tinha sido passado um panfleto, anunciando que em tal sítio havia nesse dia uma festa popular portuguesa em que entravam um grupo musical "Os Camaradas" e o Teatro Operário com a sua peça "O Soldado". A entrada era gratuita como sempre e a festa começou meia hora mais tarde. No final da actuação de "Os Camaradas", ainda havia gente a entrar. Começou a peça.

De dois sítios, e horizontes diferentes, faziam-se alguns comentários.

"Isto é uma data de gandulos que não fizeram a tropa. Vês, o tambor é um bidom de óleo e olha os paus com que ele toca, nem sequer são redondos... o melhor é irmos embora, ou então beber um copo..."

O outro atacava à sua maneira.

Cá está, a maioria do povo português, despoliticado e católico e eles a tratarem do problema da igreja e da religião, gozando com tudo. Daqui a nada o público dá-lhes uma carga de murros e é bem feito. A igreja, um problema de "super-estrutura", uma instituição ao serviço da burguesia, mas tão enraizada está no povo, deve ser estudada seriamente e com prudência e não cair em ofensas aos sentimentos dos trabalhadores como estes aventureiros.....

Olha para a figura do padre e as hóstias são batatas fritas, aí os malandros..., e agora aqueles também querem comer uma batata e ele dá-lhes. Oh Manel, vamos lá ajoelhar-nos, isto é de cagar a rir, é malta porreira...

E assim se desenvolveram a conversa e a atitude perante o nosso espectáculo. Claro que por

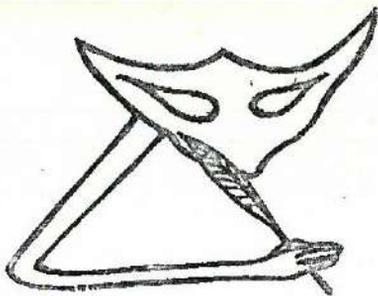
vezes acontece que, "doutores", tradutores de Voltaire e Racine, para não falar nos senhores que desligam a "Arte" da vida, nos consideram uns primários cuja única preocupação é a política.

Com endereços simples e rudimentares, sendo o papel de actor o fundamental, preparados a fazer um espectáculo não importa onde, com ou sem palco; demonstrar situações, extraídas da realidade e levar o público a tomar uma posição revolucionária perante elas, eis os nossos objectivos. Eis o que temos conseguido e o Manel e o seu amigo, bateram palmas quando o oficial-colonial-fascista foi preso pelos guerrilheiros; Riram-se com a professora, o Casimiro e o D. Sebastião; disseram que se não fosse ao teatro também lhe davam, quando o oficial levou nos queixos, riram e bateram palmas quando o João fazia das suas; fizeram pouco do Tomaz e do Gaetano e vendo que não estavam sos, bateram palmas e levantaram o punho ao som da Internacional.

Viva a justa luta dos povos das colónias
Organizado e com armas o povo é invencível
Em frente pela revolução popular

São as palavras que ficaram a fazer parte dos seus mundos e das suas ambições.

Quanto aos "doutores" que consideram os trabalhadores atrasados e reaccionários, ficaram muito tristes, meteram a viola no saco e foram para casa.



CORREIO dos

LEITORES

"Quando é lançada, uma revista deve de ser tomada a sério e bem conduzida. Nesta questão os redactores e os leitores tem a mesma responsabilidade. É preciso que os leitores exprimam a sua opinião e façam conhecer, através de cartas curtas ou pequenos artigos, o que lhes agrada. É a única maneira de assegurar o sucesso da revista".

"Para o aparecimento do "Operário Chinês"
Mao Tse-Tung

Recebemos alguma correspondência, de onde escolhemos estas duas cartas porque põem questões de interesse para uma melhor compreensão da peça "O Soldado". Continuem a escrever-nos, nós responderemos segundo as nossas possibilidades.

"Vi o vosso espectáculo e gostei, mas gostava de perguntar uma coisa. Porque é que não puseram o oficial Teixeira a ser julgado por um tribunal popular do povo de Angola?". A.M.

Resposta: Não montamos um tribunal popular porque não temos notícia concreta como os guerreiros seguem essa pratica. O
nosso grupo não podia por em cena uma situação politica tão avançada como é essa, sem conhecer a realidade. Se um dia tivermos informações concretas sobre o modo de administração da justiça popular nas zonas libertadas, é possível que alteremos a peça, dado que isso iria enriquecê-la do ponto de vista do conteúdo.

"Nos primeiros espectáculos havia uma cena que mostrava interrogatórios da Pide em relação a trabalhadores Portugueses. Depois isso foi cortado. Porquê?". D. R.

Resposta: Essa cena durava cerca de 40 minutos, o que alongava muito a peça. Além disso, não nos parece que essa cena seja essencial para a explicação do problema colonial e para mostrar o avanço da luta dos soldados contra o Exército Colonialista Português. Este é que era o objectivo fundamental deste espectáculo. Essa cena sera aproveitada para outra peça que fale da luta dos trabalhadores, ou que analise a repressão em Portugal. É importante no trabalho em teatro, que não tentemos dizer tudo o que sabemos ao mesmo tempo; é preferível dizer menos, mas o suficiente para que o espectáculo tenha a maior unidade possível. Isso dá-lhe muito mais força, torna-o muito mais eficaz e mobilizador.

o T. O. e os

«Jogos Florais»

No final de um espectáculo, fomos convidados por um elemento do jornal "O Salto" para participarmos nos "jogos florais", organizados por este jornal. Ficamos muito admirados por tal convite, mas como pensamos que era assunto a discutir entre nós, prometemos uma futura resposta. Decidimos não participar e a decisão foi transmitida ainda oralmente numa outra festa e agora vimos definir publicamente a nossa posição perante o dito jornal e os seus "jogos florais".

Como grupo de teatro popular, defendemos uma linha politica que está de acordo com os interesses revolucionarios das massas trabalhadoras portuguesas. Negamos que "O S." esteja nesta linha até porque não informa a emigração portuguesa das lutas populares e proletárias que se travam em Portugal, como seja nos ultimos tempos as vitoriosas greves e lutas da Grundig em Braga, da "celulose de Cacia", na Textil dos "Correias" em Pevidém, nas oficinas mecanicas da A. P.D.L. em Leixões, nas oficinas dos S T O P no Porto, na metalurgica "Cometna" em Lisboa, na "Gialco" no Porto, dos pescadores de arrasto e A GLÓRIOSIA GREVE DOS PESCADORES DAS TRINEIRAS DE MATOSINHOS, QUE DURA HÁ CERCA DE DOIS MESES E SE MANTÉM FIRME E DURA. Também não nos informa das lutas camponesas das regiões de Alpiarça e do Vale de Vouga, das lutas estudantis das regiões de Lisboa, Porto e Coimbra e das lutas que os soldados revolucionarios travam nas casernas fascistas. Também se "esquece" de nos informar do assalto ao Super-mercado Villares, no Porto, onde, em pleno dia, 150 revolucionários recuperaram generos alimentícios no valor de dezenas de contos, seguidamente distribuidos à população.

Tão pouco noticia as lutas dos trabalhadores portugueses na emigração como por exemplo a luta pela não expulsão de Loretta da Fonseca, as greves desencadeadas pelos trabalhadores emigrados em Maisons-Alfort, na fábrica "Alsacienne", em Louvriers, as vitoriosas greves da Renault e das variadas manifestações dos trabalhadores imigrados contra as condições de estadia e alojamento.

Mas poderíamos reconhecer que "O S." tem falado na necessidade do combate contra os bancos e consulados portugueses e da organização dos trabalhadores portugueses imigrados. Mas o que se verifica na prática? Quando há uma questão concreta a definir ou em relação à qual é necessário trabalhar, como por exemplo, a questão da linha revolucionária no exército, esse jornal afirma que a linha da deserção com armas, defendida na nossa peça "O Soldado" é oportunista e traidora aos interesses do povo. Ao mesmo tempo apoia a fantochada que se intitula "Comité de Desertores" em Estocolmo, que até afirmam que não tem nada que tomar posição sobre a justeza da deserção. Pergunta-se: Porque razão o nosso grupo de teatro seria convidado a participar em espectáculos organizado por um jornal que finalmente nos acusa de oportunistas e traidores? E ainda deveríamos apesar de tudo participar nessa festa dado que teríamos a oportunidade de contactar com um publico imigrante? Sobre a primeira questão, pensamos que o convite que nos foi dirigido teria como motivo o princípio oportunista (mas lamentavelmente infantil), de tentar por-nos (a nós como de teatro e a cantores populares) debaixo do parreiral fabricado por "O S." Digamos que miraculosamente este jornal sem ter nenhuma acção no seio da massas imigradas sem nada ter a ver com as lutas que hoje o proletariado, o campesinato e os estudantes revolucionários travam em Portugal, conseguiram extraordinária façanha de juntar sob a mesma bandeira e palavra de ordem todos os que se interessam e

lutam pela Revolução Portuguesa e os que a combatem ou nada têm a ver com ela! Com respeito a segunda questão a nossa linha de trabalho tem-nos permitido contactar milhares de trabalhadores e estamos optimistas em relação ao futuro.

Portanto, "O Salto" com todas as suas habilidades e ilusionismos só convence quem quer ser convencido ou está inteiramente desligado das realidades da luta Revolucionária das massas portuguesas em Portugal e na emigração.

Por uma cultura e arte Proletárias

TEATRO OPERÁRIO

6/ 6/ 73

CD25A

A A. re do serviço da Revolução

Peema dedicado à memória da camarada Josina Machel combatente da luta de libertação em Moçambique.

Onde te encontrar?

Não te encontrei na casa,
mas no rosto de toda a gente,
na machamba e na horta,

VI-TE VIVA

Encontrei-te nas crianças
e nos velhos,
nas mulheres,
nos adultos e nos inválidos

Encontrei-te na vida nova
que cresce
também,
pelo teu exemplo e sangue.

Não conheço a tua tribo,
não conheço a tua região
não conheço a escola que frequentaste.

CONHEÇO-TE

ENCONTRO-TE EM TODA A GENTE QUE VIVE A TRANS-
FORMAÇÃO

tinha razão de te amar,
que amei-te nas qualidades novas,
os valores que criam a esperança de amanhã.

É doloroso assim

perder a mulher
que foi mãe nas crianças,
irmã nos camaradas,
companheira nas armas
e ternura no amor.

É doloroso perdermos o quadro.

É doloroso perdermos a mulher
que soube na revolução emancipar-se.

É doloroso perdermos-te
quando ainda somos tão poucos
e tanto resta a fazer.

É doloroso perdermos
aquela que combinou a inteligência com o matope
para fazer crescer a planta nova.

É doloroso perdermos
quem no mundo e na Pátria
ASSUMIU A NOVA MULHER MOÇAMBICANA.

É doloroso perder
a força da tua juventude
a generosidade pela vida
que desprezou o sacrifício
até à morte.

É doloroso
ver cair a árvore jovem.

É doloroso.

É doloroso
como o fogo
que torna o ferro maleável
para que este seja enxada.

Doloroso
como a lamina da enxada ferindo a terra
para que a semente cresça.

Doloroso porque necessário.

Doloroso.

Por isso seremos mais e melhores
e iremos mais longe,
dolorosamente estimulados
pelo teu exemplo.

Como marido
enraizo-me na tua recordação
para continuar a força de continuar
a longa marcha
até à vitória final.

Assim, NA LUTA,
NA REVOLUÇÃO,
TE ENCONTRO CONTINUAMENTE

A minha vida pertence à revolução.

Samora Machel,
(Presidente da Frelimo). 9 de Maio de 1971.

NUMEROS SEGUINTES :

- Publicação de peças de um grupo de teatro popular de Grenoble.
- Tradução de textos de teatro de agitação operária na Alemanha nos anos 20.
- Inclusão de alguns textos (c/ explicação, do Teatro Arena de S. Paulo (Brazil), etc... etc...

COMITÉS DE APOIO AOS DESERTORES PORTUGUESES

HOLLANDE.

C.R.P.

Jacob Van Lennepkade, 13

AMSTERDAM Oud-West

tel. 020/143850

SUECIA.

C.D.P.

Fack 5029

22005 - LUND - 5

tel. 046/130246

DINAMARCA.

Erik PETERSEN

Sct. Poulsgade, 37

8000 - ARHUS C

**COMITÉ DE APOIO AOS DESERTORES
PORTUGUESES EM FRANÇA**

"Luta"

Permanência : todas as segundas, quartas e
sextas feiras das 18h às 20h
114, rue de Vaugirard - PARIS - 6e

GRENOBLE.

François BEL

40, Galerie de l'Arlequin

Appart. 1602 - Ville Neuve

38000 - GRENOBLE

Pierre SORLIN

13, rue Pierre Nicole

75005 - PARIS

ENTRA EM CONTACTO COM O "TEATRO OPERARIO"
ENVIA-NOS CRITICAS, COMENTARIOS, PEÇAS DE
TEATRO, COLABORAÇÃO GERAL SOBRE TODAS
AS FORMAS ARTISTICAS.

ESCREVE PARA:

FRANÇOIS TUSQUE
1, VILLA ARMAND
PARIS 75018



ASSINA ESTA REVISTA - 5 NUMEROS - 10 Francos

ENVIA O CHEQUE CORRESPONDENTE PARA A MESMA
MORADA.

Impr. Esp. " T. O. "